

## Nota de Abertura

*No dia 28 de Dezembro de 1998 foi oficialmente anunciado aquilo que havia umas semanas se começara a rezear – as duas co-incineradoras de lixos tóxicos (também chamados resíduos perigosos) a instalar em Portugal sê-lo-iam em Souselas e Maceira. Os protestos não se fizeram esperar e, por estranho que tivesse parecido, Coimbra movimentou-se de tal maneira que, meses depois, a co-incineração ficava suspensa.*

*Na verdade, os riscos tecnológicos, já presentes pela simples existência das cimenteiras nessas duas localidades, agravar-se-iam com a introdução do processo de co-incineração. No caso de uma eventual avaria que resultasse na fuga de gases tóxicos, a população da vizinhança seria, naturalmente, afectada. De repente, Coimbra lembrou-se que Souselas é uma das suas freguesias... e que a cimenteira está situada a 7 km de distância dos Hospitais da Universidade e do Hospital Pediátrico, ou seja, a 9 km do Largo da Portagem, centro da cidade.*

*Pela nossa parte, chamámos a atenção para os riscos que a co-incineração introduziria no espaço urbano, particularmente em caso de acidente, não só em função das características dos ventos predominantes, mas também em função de situações específicas que levariam à acumulação de gases nas áreas mais baixas da cidade e arredores.*

*A Territorium, que já tinha publicado, em 1996, um trabalho de Nuno Ganho sobre espaços verdes no interior de Coimbra relacionando-os com os riscos de poluição atmosférica, não poderia deixar de publicar, agora, um dos trabalhos de cariz geográfico que esta problemática suscitou, igualmente de sua autoria. Nuno Ganho tinha defendido a sua tese de doutoramento sobre o clima urbano de Coimbra e estava em condições privilegiadas para tratar a questão – o seu artigo fez parte de um conjunto de pequenos trabalhos preparados por colegas de diversas especialidades no sentido de alertar para os riscos da co-incineração, em geral, e da co-incineração localizada em Souselas, em particular.*

*No entanto, para subestimar a importância do risco tecnológico agravado da co-incineração, alguns cientistas salientaram que antes de se imaginarem cenários pouco prováveis, era necessário estudar a poluição já existente nas cidades. Em nossa opinião, uma coisa não invalida a outra. Gostaríamos de possuir dados credíveis para falar da poluição em*

*Coimbra, mais do que a simples impressão vivida da quase irrespirabilidade do ar em certos dias, a certas horas, em certos locais... Enquanto não os temos, voltamos à poluição numa grande cidade – Madrid. E publicamos mais um artigo sobre a matéria da autoria de Felipe Fernández García, professor da Universidade Autónoma dessa cidade.*

*Muitas vezes faz-se a ligação directa entre poluição urbana e alterações climáticas. O artigo seguinte, de Maria João Alcoforado, professora da Universidade de Lisboa, mostra claramente como foi frio o clima de Portugal na segunda metade do século XVII e princípios do século XVIII; a partir de estudos geomorfológicos, tanto nós como A. Sousa Pedrosa, tínhamos chegado à mesma conclusão. O responsável por esse arrefecimento não foi o homem; do mesmo modo, o aquecimento anterior, já descoberto pelos historiadores, tal como outros mais antigos conhecidos dos geomorfólogos, e o aquecimento que se seguiu também não foram da responsabilidade do homem. Digamos que o risco maior de aquecimento ou de arrefecimento do clima tem causas naturais como*

*a actividade solar ou as erupções vulcânicas. Claro que não poderá facilitar-se em termos de poluição, especialmente atendendo aos riscos de saúde que se geram, mas também não se deve perder a noção de escala do tempo e do espaço.*

*É à escala da cidade, no caso concreto do Funchal, o artigo de Raimundo Quintal, geógrafo e autarca nessa cidade, sobre aquilo a que os madeirenses chamam “aluviões” é de grande importância. Traz-nos notícias históricas e notas vividas de crises mais ou menos dramáticas ocorridas em diversas ribeiras da Madeira que não nos deixam tranquilos quanto a riscos de inundações rápidas.*

*A função primordial da Territorium mantém-se – Revista de Geografia Física Aplicada que se preocupa com o Ordenamento do Território é também, como se deduz dos trabalhos que vimos publicando, uma Revista preocupada com a Gestão de Riscos Naturais. Não esquecemos, porém, que há bases teóricas e até históricas que ajudam a compreender os problemas concretos. E este sexto número prova-o claramente.*

*Fernando Rebelo*